



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS REALEZA
CURSO DE FÍSICA – LICENCIATURA

JOSÉ ADRIANO DE ARAUJO RIBEIRO

**A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS MODELOS DE
AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA**

REALEZA - PR
2016

**A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS MODELOS DE
AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA**

JOSÉ ADRIANO DE ARAUJO RIBEIRO

**Trabalho de Conclusão de Curso de
graduação apresentado como requisito para
obtenção do grau de licenciado em Física pela
Universidade Federal da Fronteira Sul -
Campus Realeza.**

**Orientador: Prof. Drº Ronaldo Aurélio
Gimenes Garcia**

FICHA CATALOGRÁFICA

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Ribeiro, José Adriano de Araujo
ANÁLISE DE MODELOS DE AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA
NO SUDOESTE DO PARANÁ: CASO DE AMPÉRE, REALEZA E SANTA
IZABEL DO OESTE/ José Adriano de Araujo Ribeiro. --
2016.
45 f.

Orientador: Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia .
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Física -
Licenciatura , Realeza, PR, 2016.

1. Ensino de Física . I. , Ronaldo Aurélio Gimenes
Garcia, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

A CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS MODELOS DE AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA

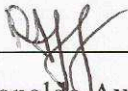
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciado em Física pela Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza.

Orientador: Prof. Drº Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

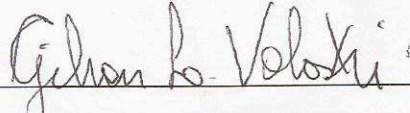
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

25/11/16


BANCA EXAMINADORA



Prof. Drº Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia



Prof. Drº Gilson Luís Voloski



Prof. Drº Jackson Luís Martins Cacciamani

Dedico este trabalho àqueles que contribuíram para o meu êxito, a minha mãe que nunca mediu esforço para estar sempre presente na minha vida acadêmica.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me dar forças e saúde para continuar.

Agradeço aos professores de Física dos municípios de Ampére, Realeza e Santa Izabel do Oeste, entrevistados durante a pesquisa, pela contribuição dada a este trabalho. Ao meu professor orientador Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia, por sua colaboração e todos que, em diferentes momentos da minha vida acadêmica, me compreenderam e ajudaram sem pedir nada em troca.

RESUMO

A avaliação da aprendizagem representa um grande desafio para todos os níveis de ensino, principalmente na Educação Básica. A educação está inserida em um momento de reconstrução do seu processo avaliativo, e neste contexto de novos métodos para se avaliar, é que o ensino de física, assim como outras áreas do conhecimento, apresenta uma grande discussão sobre a melhor forma de avaliar. Em geral a avaliação acontece de forma tradicional, com provas descritivas, que geralmente seguem o padrão da instituição de ensino, com o simples propósito de quantificar. O propósito deste trabalho, que foi realizado pelo método qualitativo, foi investigar a concepção dos professores de física do Sudoeste do Paraná, nos municípios de Ampére, Santa Izabel do Oeste e Realeza a respeito do tema avaliação bem como os métodos avaliativos mais utilizados por estes. O método para a coleta de dados, foi a aplicação de uma entrevista, gravada em áudio, composta por 10 questões que abordam temas sobre avaliação e métodos avaliativos. A partir dos dados da pesquisa pode-se dizer que os entrevistados entendem a avaliação como diagnóstico da realidade e utilizam vários instrumentos avaliativos, porém, a prova é considerado o mais importante no processo de avaliação. As compreensões acerca dos processos avaliativos muitas vezes são equivocadas, gerando mal-estar entre estudantes e professores. É nesta perspectiva que este trabalho, procurou pensar a educação no ensino de Física na perspectiva da avaliação da aprendizagem, como uma pequena contribuição para se pensar formas para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVES: Educação ;Ensino de física ; Avaliação da aprendizagem

RESUMEN

La evaluación del aprendizaje representa un gran desafío para todos los niveles de la educación, especialmente en la Educación Básica. La educación se inserta en un momento de la reconstrucción de su proceso de evaluación, y en este contexto de nuevos métodos para evaluar, es la enseñanza de la física, así como otras áreas del conocimiento, tiene una gran discusión sobre la mejor manera de evaluar. En general, la evaluación se lleva a cabo de la manera tradicional, con pruebas descriptivas, que por lo general siguen el patrón de la institución educativa, con el único propósito de cuantificar. El propósito de este estudio, que fue realizado por el método cualitativo fue investigar la concepción de los profesores de la disciplina de física del Sudoeste de Paraná, en los municipios de Ampére, Santa Izabel do Oeste y Realeza sobre el tema de evaluación, y los métodos de evaluación utilizados por éstos. El método de recogida de datos, fue la aplicación de una entrevista, grabado en audio, que consta de 10 preguntas que abarcan temas sobre evaluación y métodos evaluativos. A partir de los datos de la investigación se puede decir que los entrevistados entienden la evaluación como el diagnóstico de la realidad y utilizan diversos herramientas de evaluación, sin embargo, la prueba es considerada la más importante en el proceso de evaluación. La comprensión de los procesos de evaluación son a menudo engañosas, generando malestar entre los estudiantes y profesores. Desde esta perspectiva, este estudio tuvo como objetivo que la educación en la enseñanza de física en la perspectiva de la evaluación de aprendizaje, como una pequeña contribución a pensar en formas para la transformación social.

PALABRA CLAVE: Educación; la enseñanza de física; evaluación de aprendizaje.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	12
2.2 AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA.....	19
2.3 AVALIAÇÃO SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA (DCES) NA DISCIPLINA DE FÍSICA.....	22
2.3.1 Instrumentos avaliativos	24
3 PROCESSO DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Quando se pensa em avaliação, principalmente no âmbito escolar, algumas reflexões devem ser feitas por parte do professor. É necessário que ele se questione, por exemplo, qual a melhor forma de avaliar? Para que avaliar? E que conteúdos são relevantes em uma avaliação?

Segundo Luckesi (2008), o sistema de ensino atual tem a concepção de que a avaliação é um instrumento que mensura a aprendizagem, com a preocupação excessiva em gerar percentuais de aprovações ou reprovações dos estudantes. O professor, sob a justificativa de incentivo aos estudos, utiliza a avaliação como instrumento de ameaças, destacando a reprovação para aqueles que não atingirem uma nota tida como ideal.

É comum surgirem na fala dos professores expressões do tipo: “Vou cobrar isso na prova quero ver como vão se sair; “ a prova está bem difícil, só conseguirá um bom resultado quem estudar muito”; “silêncio precisamos terminar o conteúdo, pois a prova já está pronta”. Expressões desse cunho vão desenvolvendo o que Luckesi chama de terrorismo homeopático. Os estudantes vivem uma verdadeira angústia na expectativa de serem aprovados ou reprovados.

Ainda segundo Luckesi (2008), essa concepção de avaliação importa-se apenas em gerar um valor numérico para o aprendizado, ou seja, o que importa é a nota que o estudante vai obter no final da avaliação:

Durante o ano letivo, as notas vão sendo observadas, médias vão sendo obtidas. O que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem. (LUCKESI, 2008, p.18).

Muitas das críticas feitas aos processos avaliativos se devem ao fato de valerem-se de modelos baseados em medidas de valor, a exemplo disso, cita-se a nota que é expressa por um valor numérico, com o carácter de revelar ao professor o que o estudante sabe a respeito de determinado conteúdo.

É nesse sentido que nota-se a necessidade de um estudo mais aprofundado para um melhor entendimento sobre as avaliações realizados no âmbito escolar.

Esta pesquisa é de caráter exploratório, tendo em vista que as discussões sobre o tema avaliação não se esvaziam na literatura existente. Este estudo foi realizado no âmbito da graduação em Física – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, Campus Realeza/PR, com o objetivo de discutir sobre o entendimento dos professores de física a respeito do tema avaliação, bem como analisar os modelos avaliativos mais recorrentes nas práticas avaliativas dos professores, nos municípios de Ampére, Realeza e Santa Izabel do Oeste, situados no Sudoeste do estado do Paraná. A escolha por estes municípios se deu pelo fato de serem prováveis municípios de atuação na futura carreira docente.

Para que isso se tornasse possível realizamos uma revisão bibliográfica sobre o tema avaliação e sua aplicação na Educação Básica na disciplina física. Identificou-se os modelos avaliativos utilizados pelos professores do ensino médio na disciplina de física. Por meio de uma entrevista semi-estruturada e por fim apresentamos uma análise crítica sobre os instrumentos utilizados.

Segundo Suhr (2006), inicialmente o professor deve ter um bom domínio sobre os conteúdos da disciplina que leciona, porém, percebe-se que outras habilidades didáticas devem complementar essa primeira. Uma habilidade fundamental que se insere neste contexto é a de saber avaliar corretamente, a fim de favorecer a aprendizagem. Além de outros saberes próprios da condição docente.

Ainda de acordo com Suhr (2006), percebe-se que avaliar vai muito além da aferição de uma nota. A avaliação neste contexto é entendida como a ferramenta que fornece ao professor as informações necessárias para a tomada de decisões futuras, a respeito das atitudes que deve tomar em relação a aprendizagem de seus estudantes.

Muitas vezes, a avaliação é realizada de acordo com as expectativas do professor em relação a aprendizagem dos estudantes, que nem sempre corresponde a verdadeiramente ao que os alunos conseguiram assimilar dos conteúdos trabalhados por ele.

A responsabilidade no processo avaliativo, deve ser somente do professor? Sabe-se que este é o principal responsável pelo desenvolvimento intelectual de seus estudantes. Sozinho não terá força suficiente para que o processo de

avaliação obtenha sucesso. Porém, a concepção de avaliação que tem influenciado diretamente na sua forma de avaliar. Dessa forma se não tiver uma visão crítica avaliará de forma puramente mecânica, com o objetivo principal de cumprir com a burocracia dos sistemas de ensino.

O método utilizado para a análise dos dados dessa pesquisa é de caráter qualitativo. Pois este visa, dentre outros aspectos, a revisão de teorias e/ou conceitos do fenômeno estudado. O instrumento utilizado, para a coleta de dados foi a realização de uma entrevista semi-estruturada, gravada em áudio, composta por 10 questões. Para este trabalho foram realizadas cinco entrevistas, sendo duas na cidade de Ampére, duas na cidade de Santa Izabel do Oeste e uma na cidade de Realeza.

Esta pesquisa teve como objetivo identificar o entendimento dos professores de física da rede pública, do âmbito delimitado em análise, sobre o tema avaliação na disciplina de Física no Ensino Médio, bem como identificar, os modelos de avaliação presentes em suas práticas avaliativas.

O interesse pelo tema nasceu das inquietações vivenciadas pelo pesquisador, sobre o que é avaliação e qual a melhor forma de fazê-la, visto que desde a pré-escola até a universidade vivencia modelos de avaliação com objetivos não muito claros, que preocupam-se apenas em medir o conhecimento para a aprovação ou reprovação.

Entre os professores entrevistados, um do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idades entre 35 e 43 anos e com pelo menos 10 anos de magistério. Sendo que quatro são licenciados em física e um é bacharel em agronomia com formação pedagógica em física.

Esta monografia se divide em três partes, primeiramente é feita uma discussão teórica sobre avaliação em linhas gerais, sob a luz de referenciais como HADJI, LUCKESI, SUHR, VASCONCELOS dentre outros. Posteriormente a discussão se dá em torno da avaliação no ensino de física na educação básica, sob orientação das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do estado do Paraná, (DCEs) de física e por último é apresentada uma análise crítica a respeito dos resultados da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Para uma melhor compreensão da discussão que se dará neste trabalho, será abordado a avaliação sob uma perspectiva pedagógica que entenda a educação como mecanismo de transformação social. Nesta perspectiva a avaliação tem o objetivo de diagnóstico da realidade, visando o avanço e o crescimento intelectual do estudante, e não a reprovação como forma de punição ou como forma de disciplina, (LUCKESI, 2008).

Luckesi (2008), menciona ainda que avaliação construtivista estabelece um mínimo necessário de conteúdos que o estudante deve se apropriar para que possa avançar entre as etapas de sua formação. Para melhor compreender o que o autor coloca, descrevemos o seguinte exemplo:

Poderíamos dizer que o aluno numa escola de pilotagem de Boeing pode ser aprovado com o seguinte processo: aprendeu excelentemente decolar e, portanto, obteve nota 10 (dez); aprendeu muito mal aterrissar e obteve nota dois; somando-se os dois resultados, tem-se um resultado de doze pontos, com uma média aritmética no valor de 6 (seis) pontos. Essa nota é suficiente para ser aprovado, pois está acima dos 5 (cinco) exigidos normalmente. É o mínimo de nota. Quem de nós (eu, você e muitos outros) viajaria com esse piloto? (LUCKESI, 2008, p.45).

Observa-se que o professor que avalia com o método descrito, está considerando um mínimo de nota, portanto, deixando de lado o que é fundamental, que Luckesi chama de “mínimo necessário de aprendizagem”. Esse mínimo de aprendizagem deve ser de cada conteúdo trabalhado pelo docente durante um período, muitas vezes chamado de módulo de ensino, ou no ambiente escolar de trimestre, para que o estudante se torne um cidadão crítico na sociedade.

Portanto, os estudantes que não atingirem o mínimo necessário de aprendizagem, não devem avançar para as próximas etapas de sua formação, devem sim, ser reorientados, sob novas metodologias, para que tenham uma nova oportunidade de alcançar esse mínimo necessário de aprendizagem para se tornarem cidadãos atuantes na sociedade.

Nessa perspectiva de mínimo necessário de aprendizagem, sobre o todo de conteúdos trabalhados em uma disciplina, por exemplo, e não de uma média de notas, percebe-se que o comprometimento do estudante deve ser mais acentuado e duradouro, ou seja, deve prevalecer durante o período todo de uma disciplina. Assim de nada adianta, um estudante dedicar-se apenas para uma avaliação, se nas demais resolver não estudar, e obtiver baixo desempenho que não atinja o mínimo necessário de aprendizagem.

Para Luckesi (2008), a avaliação escolar acontece muitas vezes após o professor dar aulas por um período aproximado de dois a três meses, o que normalmente chama-se, no âmbito das escolas, de trimestre. Para tanto o professor utiliza-se de uma prova, um teste ou outro instrumento qualquer.

Normalmente a prova é elaborada levando-se em conta vários fatores, ou seja, o professor leva em consideração os conteúdos que ele ensinou, os que ele supostamente ensinou, conteúdos extras que são incluídos no momento da elaboração do instrumento avaliativo, com o intuito de deixá-la mais difícil, a relação pessoal do professor em relação a determinada turma, a disciplina ou indisciplina desses estudantes, dentre muitas outras variáveis que se fazem presentes no momento da elaboração de um instrumento avaliativo (LUCKESI, 2008).

Dada essa grande quantidade de variáveis presentes nos instrumentos avaliativos, muitas vezes o estudante não compreende o que o professor está perguntando de fato, e recorre com perguntas do tipo: “Professor, o que a questão “tal”, está perguntando? Muitas vezes tem como resposta: “ Eu não sei, agora é prova é você quem deve saber”; “Pergunta certa na hora errada”; “ A interpretação faz parte da avaliação”. Por vezes fatos desse tipo levam os estudantes a responderem questões de qualquer forma, sem muito sentido (LUCKESI,2008).

Ainda segundo o autor, quando o professor recolhe as provas, atribui uma nota, considerando que essa nota é de inteira responsabilidade do aluno. Outros instrumentos utilizados no intermediário das avaliações finais, os chamados trabalhos, bem como pontos de bom comportamento são dados aos estudantes, para que no final do trimestre uma média seja gerada, para então decidir pela aprovação ou reprovação do estudante.

Segundo Luckesi (2008) esse ritual de avaliação está longe de cumprir com o papel verdadeiro de avaliação formativa, que é promover aprendizagem. Para ele avaliar na perspectiva da aprendizagem pressupõe a consideração de três variáveis: juízo de qualidade, o juízo de qualidade deve ser fundado em fatos relevantes da realidade e por último a tomada de decisão:

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (LUCKESI, 2008, p.32).

Entender a avaliação como juízo de valor, significa dar um parecer qualitativo sobre o aprendizado do estudante, mediante o pré-estabelecimento de critérios que norteiam o processo avaliativo. Portanto, o produto da avaliação será considerado satisfatório, quanto mais próximo dos critérios norteadores estiver, e insatisfatório quanto mais distante destes critérios estiver. O julgamento de manifestações da realidade dizem respeito aos objetivos inerentes à avaliação, ou seja, quais habilidades se pretende identificar com essa avaliação, se o objetivo for diagnosticar o que o estudante sabe sobre, movimento dos corpos, por exemplo, não aplica-se uma avaliação que verse sobre outros temas, mas sim realiza-se atividades condizentes com o tema movimento dos corpos e principalmente na mesma linha de raciocínio trabalhada em sala de aula. Como consequência desse ajuizamento ocorre uma tomada de decisão sobre os processos de ensino e aprendizagem, que é justamente decidir quais serão os próximos passos a serem trilhados para que aqueles conteúdos que ainda estão “duvidosos” sejam abordados e esclarecidos (LUCKESI, 2008).

Ainda segundo Luckesi (2008) quando o professor faz juízo de valor, considerando as manifestações da realidade, para então realizar a tomada de decisão a respeito do ensino, pode se dizer que este professor está promovendo uma avaliação construtivista, que está preocupada em reconhecer o caminho percorrido em cada etapa e que caminhos devem ser percorridos nas etapas subsequentes em relação a aprendizagem dos estudantes.

As habilidades necessárias à profissão docente, não é algo que se encontra nos livros ou manuais técnicos de profissões, pelo contrário essas habilidades, que Tardif (2001) em seu livro intitulado, Saberes Docente e Formação Profissional, chama de Saberes Docentes, são frutos de uma vida toda de formação. Segundo Tardif (2001), para os professores o trabalho é uma fonte privilegiadas de saber ensinar, os saberes são plurais, pois são oriundos de diversas instituições de formação profissional. A exemplo cita que alguns provêm da sua família, da escola onde estudou, de sua cultura pessoal, da universidade bem como de sua experiência profissional, sendo desta forma um saber heterogêneo.

Os saberes experienciais possuem três objetos, que são: “relações e interações que os professores estabelecem e desenvolvem com os demais atores no campo de sua prática; as diversas obrigações e normas as quais o seu trabalho deve submeter-se; a instituição enquanto meio organizado e composto de funções diversificadas; a objetivação parcial dos saberes experienciais, a qual tem origem, portanto, na prática cotidiana dos professores em confronto com as condições da profissão” (TARDIF, 2001).

O ensino exige do professor a capacidade de utilizar um vasto leque de saberes. Para tomar uma decisão o docente se baseia em valores morais ou normas sociais. Para atingir fins pedagógicos se baseia em juízos provenientes de tradições escolares pedagógicas e profissionais que assimilou e interiorizou.

Para a prática de sua profissão o professor usa de suas experiências ao longo de sua vida. Experiências estas baseadas, por exemplo, na personalidade de um de seus professores, dessa forma vai formando suas características profissionais por meio de sua trajetória de vida, sendo assim o saber do professor não é atemporal, pelo contrário, vai se constituindo na temporalidade de acontecimentos que julga importantes na sua formação.

É importante destacar, que quando os docentes atribuem o saber à sua própria personalidade, estão ignorando o fato que esta personalidade não é natural, ou seja, os professores não nasceram com ela. Pelo contrário é modelada ao longo do tempo por sua própria história de vida e socialização (TARDIF, 2011).

Para Tardif (2011), o início da carreira apresenta-se como uma fase crítica em relação às experiências anteriores, é nela que se constroem as bases dos saberes

profissionais. Muitos nomes são dados a essa fase como: “choque com a realidade, choque de transição ou ainda choque cultural”. Estas são noções que remetem a dura realidade da profissão, que muitas vezes causam desilusão, pois esta se constitui como uma fase de transição da vida de estudante para a de professor.

Segundo Suhr (2006), todo professor deve ser detentor do conteúdo da disciplina que leciona, porém, várias outras competências, ou seja, saberes são exigidos do professor. Como por exemplo habilidades didáticas diferenciadas para que possa atrair os estudantes para sua aula. O professor deve também lidar com estudantes indisciplinados, e várias outras adversidades recorrente no dia a dia da sala de aula. Dentre esse conjunto de habilidades inerentes a profissão de professor está a de avaliar adequadamente a aprendizagem dos estudantes como afirma o autor:

O ato de avaliar na vida cotidiana se dá, permanentemente, pela unidade imediata de pensamento e ação. Nesta unidade a pessoa precisa estar sempre pronta para identificar o que é para si o “verdadeiro”, o “correto”, opções que vão lhe indicar o melhor caminho a seguir, o que fazer. Muitas vezes essa escolha não corresponde a um conhecimento a realidade e as expectativas dos estudantes. (SUHR, 2006, p. 19).

Com base nas ideias de Tardif (2001), percebe-se que o professor não nasce um profissional pronto, pelo contrário, muito do que ele ensina para seus estudantes, como por exemplo valores morais, podem ser frutos dos saberes que este profissional em formação, traz dos costumes e ensinamentos de seus familiares.

O conhecimento científico provém de toda a formação que este professor teve durante sua vida escolar, antes mesmo de adentrar à carreira docente, durante sua formação acadêmica e após, por meio de pós-graduações e formação continuada.

Dessa forma pode-se dizer que a habilidade de avaliar adequadamente seus estudantes também faz parte dos saberes docentes que vai se consolidando ao longo do tempo, o que Tardif (2001) chama de “saberes experienciais”.

Mas o que seria avaliar adequadamente? Seria um julgamento do que é certo ou errado para cada profissional em particular? Ou Seria a reprodução de práticas vivenciadas na formação de cada professor?

Segundo Hoffmann (1991), muitas práticas avaliativas de professores na educação básica, são reproduções vivenciadas por estes enquanto acadêmicos. Essas reproduções passam a fazer parte do saber dos docentes, influenciando-os de maneira muito forte, em vários casos muito mais forte que qualquer teoria que estes professores possam a vir conhecer.

Hoffmann (1991) destaca dois modelos frequentemente seguidos na educação básica: os permissivos, que são aqueles seguidos por professores oriundos de cursos de formação profissional que raramente reprovam, e o modelo reprovativo, este seguido por professores oriundos de cursos com altos índices de reprovações. Ou seja, o professor que teve sua formação baseada em modelos de avaliação baseado na resolução de extensas listas de exercícios, com o intuito de memorização para a prova, certamente será um profissional com fortes tendências a reproduzir esta prática. “Muitos professores nem mesmo são conscientes da reprodução de um modelo, agindo sem questionamento, sem reflexão, a respeito do significado da avaliação na Escola” (HOFFMANN, 1991, p. 52).

Vasconcellos (1998), coloca que avaliar não é aplicar uma única prova, ao final de um bimestre, mas sim encarar a avaliação como um processo do início ao fim de um período, é pensar criticamente sobre os instrumentos avaliativos, é fazer uma reflexão sobre a prática adotada para a transmissão do conhecimento.

A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilidades uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos (VASCONCELLOS, 1998, p.85).

Portanto, é necessário que o professor crie maneiras de avaliar seus estudantes aula a aula, ou a cada conteúdo trabalhado, não somente em datas previamente estipuladas que geralmente acontecem no meio e no final do trimestre. Sendo assim é possível retomar eventuais conceitos antes de prosseguir, afinal dificilmente um professor conseguirá retomar conteúdo a conteúdo se estes estiverem acumulados no final de um período letivo.

Avaliar é realizar um acompanhamento dos processos de ensino e aprendizagem, para que tanto professor quanto aluno sejam imediatamente informados sobre seus pontos falhos, a fim de refletirem em busca de atitudes a

serem tomadas para contornar estes pontos falhos, para que a aprendizagem seja promovida em tempo hábil (VASCONCELLOS, 1998).

Como se pode observar, uma avaliação que segue estes critérios fornece informações relevantes sobre os processos de ensino e aprendizagem, e tem por objetivo orientar alunos, professores e a própria instituição sobre os pontos falhos e as atitudes a serem tomadas para resolvê-los. Assim:

A avaliação, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social (LUCKESI, 1997, p. 46).

A avaliação da aprendizagem deve servir de âncora para a qualificação do que acontece com o estudante, com objetivos claros que possibilitem ao professor perceber caminhos para ajudá-lo a progredir. Ainda se percebe, em algumas instituições de ensino, a avaliação como forma de punição por aquilo que o estudante deixou de aprender, essa concepção vai na contramão com os objetivos de uma avaliação formativa, pois ela deve ser pensada com o objetivo de fazer com que o estudante cresça .

Ninguém cresce sem ação e a ação contém dentro de si uma disciplina. Cada ato tem sua disciplina própria que necessita ser descoberta e seguida se se quer aprender e crescer com ela. A avaliação é uma forma de tomar consciência sobre o significado da ação na construção do desejo que lhe deu origem (LUCKESI, 2008, p. 166).

Assim se entende que a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o professor e estudante nas suas caminhadas comuns de crescimento, e a escola na sua responsabilidade social. Professor e estudante aliados, constroem a aprendizagem, testemunhado-a a escola, e esta à sociedade.

Nas palavras de Luckesi (1997), a avaliação da aprendizagem, permite o julgamento e a conseqüente classificação, mas essa não é a sua função constitutiva. É importante estar atento à sua função ontológica (constitutiva), que é de diagnóstico e, por isso mesmo, a avaliação cria a base para a tomada de decisão, que é o meio de encaminhar os atos subseqüentes, na perspectiva da busca de maior satisfatoriedade dos resultados.

O ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento definitivo sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo de vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso. Infelizmente, por nossas experiências histórico-sociais e pessoais, temos dificuldades em assim compreendê-las e praticá-la. Mas... fica o convite a todos nós. É uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo, se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por esse processo (LUCKESI, 1997, p. 180).

Com as discussões feitas até o momento percebemos que a avaliação é entendida como um meio de se medir aquilo que se ensinou, bem como a forma como foi ensinado. Para que o docente tenha as informações de que precisa para a tomada de decisão e conseqüentemente a aceitação ou mudança da realidade. Vale lembrar ainda seu caráter qualitativo, que leve em conta um mínimo necessário de conhecimento para a progressão. Entendida dessa forma a avaliação não é um processo simples, mas é a soma de esforços e responsabilidades de toda a escola. O docente deve ter uma posição crítica frente ao processo de avaliação. Não deve copiar práticas, que não contribuam para a formação construtivista, mas sim ir desenvolvendo as suas próprias, ao longo de suas experiências, por meio de uma visão crítica.

É inegável o importante papel da avaliação no cenário atual das escolas. Necessitamos diagnosticar e acompanhar cada passo dado pelos estudantes, para que juntos possamos resolver ou dosar adequadamente as situações problemas inerentes aos processos de ensino e aprendizagem.

2.2 AVALIAÇÃO NO ENSINO DE FÍSICA

Avaliar na disciplina de Física é diferente de avaliar em outras disciplinas como Português, História, Sociologia etc.? O diz a literatura a respeito disso? Quais as características próprias da avaliação em física? É possível um modelo de avaliação em física que permita o aluno aprender mais?

Segundo Souza (2002), professores de uma mesma escola e até mesmo de uma mesma série, adotam formas diferentes de avaliação, por vezes a escola

estipula uma política de avaliação, porém, os professores adotam outra. Quem está agindo corretamente? É correto avaliar segundo uma concepção própria, sem uma análise crítica sobre este complexo processo?

A grande maioria dos estudantes do ensino médio, confessam não gostar de física. Não conseguem fazer relação dessa importante disciplina com o seu dia a dia, fato que muitas vezes desmotiva-os. Muitos estudantes acham a disciplina de Física de difícil compreensão, o que resulta num baixo desempenho em sala de aula, Esses estudantes não raro, acabam sendo promovidos para as séries subsequentes ou até mesmo concluindo o Ensino Médio sem aprender quase nada dos conteúdos contemplados por esta disciplina (SOUZA, 2002).

A disciplina de física está presente nos currículos das escolas brasileiras a quase dois séculos (1836). E na sua maioria das vezes ainda é ministrada com aulas demasiadamente expositivas, sem o auxílio didático de experimentos, simulações computadorizadas, e com conteúdos desvinculados da realidade dos estudantes, primando pela preparação para o vestibular com extensas listas de resolução de exercícios, tornando assim o conteúdo físico de forma puramente matematizada, além de preocupar-se demasiadamente com o uso do livro didático. Isso dá a falsa ideia de que a física é uma ciência fechada em si, acabada e imutável (SOUZA, 2002).

Da Silva e Saad (1998), apud Souza (2002), atribuem os problemas apontados no Ensino de Física, como problemas gerais do ensino no Brasil, tais como formação dos professores, currículo inadequado, programas de governo inexecutáveis, falta de material didático, carga horária excessiva para o docente, falta de interesse dos estudantes, dentre muitos outros. Fatores como estes juntamente com a concepção de avaliação que tem o professor, influenciam diretamente nos processos de ensino e aprendizagem, e conseqüentemente no processo de avaliação.

Apesar de muitos outros instrumentos serem utilizados, nas avaliações dos processos de ensino e aprendizagem, a prova é o mais utilizado e considerado, pelos professores de Física, o mais significativo, ou seja, é o instrumento que traduz com maior clareza o aprendizado do estudante. Na disciplina de Física, em média, são realizadas duas provas por trimestre, individuais e sem consulta (SOUZA, 2002).

Para o autor, uma justificativa para tais atitudes dos professores de Física, é o grande número de estudantes por turma, o que torna o processo avaliativo um tanto quanto complicado, vamos a uma exemplo, fatores como o grande número de estudantes por turma; professor com aulas distribuídas em várias turmas e a constante troca de escola por parte do professor, ou seja, a cada ano o professor leciona em escolas diferentes, não podendo dessa forma criar laços que possam fazer com que este conheça cada um de seus alunos. Fatores estes impedem, por exemplo, que o professor realize uma avaliação, utilizando o instrumento do diálogo com cada aluno (SOUZA 2002).

Ainda segundo o autor, isso faz com que os mestres utilizem a prova com recorrência em suas avaliações, visto que esta pode ser levada para casa e analisada com um espaço de tempo maior. Como afirma no trecho abaixo:

O que se percebe no cotidiano escolar é que as várias propostas que se distanciam da prova como estratégia de avaliação não têm conseguido ainda ocupar o espaço de confiabilidade informacional por ela apresentado junto aos professores, alunos e seus familiares. Ao que tudo indica, as tentativas diferenciadas de avaliação não proporcionam as mesmas garantias, nem o mesmo valor e “seriedade” que a prova impõe. Em muitas instituições educativas, o processo avaliativo constitui-se de prova com valor elevado e “trabalhinhos”, aos quais são atribuídos valores numéricos e sociais bem abaixo do referido às provas..(MORAES,2011, p. 235) .

Ainda segundo Souza (2008), principalmente para os docentes de física, a prova é o instrumento avaliativo mais utilizado e mesmo que outros instrumentos sejam incorporados ao processo avaliativo, não têm o mesmo valor social que a prova, pois essa é considerada pelos professores o instrumento que mais impõe responsabilidade por parte dos alunos e conseqüentemente confiabilidade por parte dos professores. Sendo assim, muitos tomam a prova como instrumento avaliativo indispensável nas escolas e completa:

Percebo que o que ocorre hoje em muitas escolas é uma certa “confusão” a respeito da avaliação, pois o que os professores realizam em aula é uma aferição de conhecimentos e não uma avaliação, que é um processo mais amplo, que envolve todo o educando. Penso que o que leva os professores a agir assim é o fato de muitos alunos, pais e professores estarem mais interessados na aprovação ou reprovação do educando nas séries escolares do que no seu efetivo desenvolvimento (SOUZA, 2008. p.99).

O fato da Física ser uma ciência da natureza, faz dela uma disciplina que está intimamente, pelo menos em grande parte de seus conteúdos, ligada a fenômenos que acontecem no dia a dia da vida dos estudantes. Ao professor cabe fazer esta relação entre o que ensina em sala de aula com os fenômenos observados pelos estudantes fora dela. Sendo assim a avaliação em Física, tem condições, e deve sim ser diferenciada, não restringindo-se a provas, mas sim deve despertar o estudante para a aplicação do que se ensinou em sala, a partir de novas situações problemas (SOUZA, 2008).

2.3 AVALIAÇÃO SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA (DCES) NA DISCIPLINA DE FÍSICA

Inegavelmente os processos de avaliação se fazem necessários, não só como exigência legal, mas para que se possa detectar os avanços conquistados pelo estudante, bem como identificar os pontos falhos, tanto no aprendizado quanto na metodologia de ensino, ou seja, avaliação do estudante e do professor. A avaliação identifica também que conteúdos ainda precisam ser reforçados, retomados sob novas formas ou com novos métodos e estratégias pedagógicas, para que o estudante possa aprender realmente.

No processo educativo, a avaliação deve se fazer presente, tanto como meio de diagnóstico do processo ensino-aprendizagem quanto como instrumento de investigação da prática pedagógica, sempre com uma dimensão formadora, uma vez que, o fim desse processo é a aprendizagem, ou a verificação dela, mas também permitir que haja uma reflexão sobre a ação da prática pedagógica (PARANÁ, 2008 p.31).

Como pode ser observado nas DCEs (Diretrizes curriculares da Educação Básica), a avaliação não deve ser entendida como um momento isolado dos processos de ensino e aprendizagem, ao passo que não deve resumir-se a um único instrumento, (a prova). Ela deve ir além, deve servir de âncora para que todos os envolvidos (alunos, professores, escola e familiares), acompanhem o desenvolvimento da aprendizagem. O diagnóstico por meio da avaliação serve tanto

para os estudantes identificar como está seu aprendizado como para os professores saberem como estão ensinando.

Podemos perceber que a concepção de avaliação encontrada nas DCE's, então de acordo com a definição de avaliação na perspectiva de transformação social defendida por vários pesquisadores da área como: Hadji (2001); Luckesi (1997); Suhr (2006); Vasconcellos (1998) dentre outros citados neste trabalho.

Neste sentido cabe ao professor o entendimento que a avaliação é parte de seu trabalho, portanto, não devendo ser encarada como mera formalidade burocrática do sistema de ensino. Sendo parte de seu trabalho cabe-lhe, segundo o que contempla a ética profissional, desempenhar da melhor maneira possível, dentro de uma visão crítica de acordo com documentos como: Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como o Plano de Trabalho Docente, documentos estes necessariamente fundamentados nas DCEs. Assim como a boa formação dos docentes e condições favoráveis de trabalho são fatores que contribuem para que a avaliação cumpra seu papel de formar cidadãos conscientes (PARANÁ, 2008).

Nestas Diretrizes Curriculares para a Educação Básica, propõe-se formar sujeitos que construam sentidos para o mundo, que compreendam criticamente o contexto social e histórico de que são frutos e que, pelo acesso ao conhecimento, sejam capazes de uma inserção cidadã e transformadora na sociedade. A avaliação, nesta perspectiva, visa contribuir para a compreensão das dificuldades de aprendizagem dos alunos, com vistas às mudanças necessárias para que essa aprendizagem se concretize e a escola se faça mais ,próxima da comunidade, da sociedade como um todo, no atual contexto histórico e no espaço onde os alunos estão inseridos (p.31).

Percebemos como menciona Souza (2008) o forte caráter da prova como instrumento avaliativo. Bem como metodologias tradicionais para o ensino. Apesar de novas propostas apresentadas aos docentes, em relação às novas metodologias de ensino e avaliação, estes parecem indiferente. Que fatores justificam tal postura? Como superar a falta de relação da disciplina de física com a realidade imediata dos estudantes? Não gostar de um disciplina é justificativa para não se interessar em conhecê-la mais afundo? O que leva um estudante a não gostar de uma disciplina?

Cabe aos professores e futuros docentes de física primeiramente aceitar estes fatos, posteriormente tomar atitudes com visões críticas à respeito de suas

metodologias de ensino e conseqüentemente avaliação. A matemática, apesar de ser necessária, não deve ser tomada como ponto de partida para explicação dos conceitos físicos. É preciso encantar o aluno com esta ciência natural.

2.3.1 Instrumentos avaliativos

Sabemos que cada ser humano é único, ou seja, apresenta suas próprias características de aprendizagem. Portanto, é necessário que o docente crie meios diversos para para tal, e conseqüentemente para que ele possa identificar a aprendizagem de cada um. Comumente, percebe-se uma padronização em relação ao método avaliativo, sendo assim injustiças são cometidas em relação à progressão ou retenção dos estudantes. Neste sentido faz-se uma análise sobre o que dizem as DCEs em relação aos instrumentos avaliativos que os professores devem utilizar.

Os instrumentos de avaliação devem ser pensados e definidos de acordo com as possibilidades teórico-metodológicas que oferecem para avaliar os critérios estabelecidos. Por exemplo, para avaliar a capacidade e a qualidade argumentativa, a realização de um debate ou a produção de um texto serão mais adequados do que uma prova objetiva; a utilização repetida e exclusiva de um mesmo tipo de instrumento de avaliação reduz a possibilidade de observar os diversos processos cognitivos dos alunos, tais como: memorização, observação, percepção, descrição, argumentação, análise crítica, interpretação, criatividade, formulação de hipóteses, entre outros (PARANÁ, 2008, p. 32).

Para Hadji (2001), dizer que a avaliação não se dá com a aplicação de um único instrumento, é assumir que faz parte de um processo de diálogo envolvendo professor, estudante, currículo e instituição. Sendo assim o estudante, não deve ser tido como único responsável pelo seu baixo desempenho, vale lembrar que este deve sim assumir responsabilidades como participação em aula e dedicação, atitude de estudar o conteúdo de maneira autônoma, possui grande peso. “Ninguém aprende se não desejar e se não se dedicar por melhor que seja o docente ou a instituição” (SUHR, 2006, p. 24). O que deve ocorrer neste caso é uma reflexão crítica sobre o papel de cada um dos envolvidos neste processo de diálogo para que ocorra a busca coletiva de soluções.

Portanto, a avaliação da aprendizagem sob responsabilidade do professor é entendida como um processo de investigação e intervenção da realidade, por meio da seleção adequada de conteúdos, clareza dos critérios de avaliação e diversidade de instrumentos. Dessa forma oportunizando aos estudantes expressar o que sabem. Neste sentido, a concepção de avaliação presente no currículo de cada instituição de ensino deve contemplar uma discussão coletiva entre professores, direção, equipe pedagógica, pais e alunos, para que dessa forma todos assumam suas responsabilidades diante dos processos de ensino e aprendizagem (PARANÁ, 2008).

As DCEs são muito claras em relação às responsabilidades de cada membro da comunidade escolar em relação a avaliação. Um único instrumento não é capaz de informar ao docente o que o estudante realmente sabe. Na avaliação, além de vários instrumentos, o docente deve adotar uma postura crítica para a elaboração dos mesmos, ou seja, estes devem ser condizentes com a realidade. De nada adianta escolher um instrumento sem antes conhecer quais habilidades se pretende avaliar e ainda refletir se os estudantes realmente foram ensinados para que pudessem desenvolver tais habilidades.

3 PROCESSO DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A metodologia empregada para o tratamento dos dados nesta pesquisa se dará pelo método de construção indutiva de uma teoria, a partir da análise dos depoimentos coletados no campo da pesquisa. Para isso utiliza-se como embasamento dois autores, os sociólogos americanos: Barney Glaser e Anselm Strauss (CASSIANI; CALIRI; PELA, 1996).

O método para a transcrição da entrevista é o etnográfico, sendo assim pode ser observado alguns vícios de linguagens nas falas dos entrevistados. No momento da descrição das entrevistas será utilizado os seguintes códigos: Três pontos ... expressando o período de tempo em que o entrevistado ficou pensando na resposta entre uma fala e outra e três pontos entre parênteses (...), quando a fala não foi utilizada na descrição.

Foram quatro escolas públicas envolvidas nesta pesquisa. Sendo que apenas uma oferece somente o ensino médio. Uma oferece o ensino médio e ensino técnico em informática e administração, outra oferece o ensino médio e magistério e a última o médio juntamente com o fundamental. Os alunos atendidos por essas escolas, em linhas gerais, são de classe média e baixa sendo essa a condição social que predomina com algumas exceções. Os municípios os quais essas escolas pertencem apresentam uma população entre 13 e 18 mil habitantes. População esta predominantemente trabalhadora na indústria, comércio e agricultura. O grupo de professores têm aulas distribuídas em pelo menos duas das quatro escolas e lecionam para as três séries do ensino médio.

A primeira pergunta feita aos entrevistados tinha por objetivo investigar qual é a concepção de avaliação que têm os professores de física no ensino médio, e qual seu entendimento a respeito do papel da avaliação nos processos de ensino e aprendizagem. Pois Vasconcellos (1998) afirma que a avaliação é um processo abrangente e, portanto não se resume à aplicação de uma prova. A escolha dos instrumentos de avaliação é parte do processo e está ligada às características do conhecimento trabalhado e à concepção de educação que têm o educador e a instituição na qual leciona.

Apona também, que avaliar implica pensar criticamente sobre a prática educativa, que é composta pela ação dialética entre elementos, tais como: estudantes, docentes, currículo e instituição.

A pergunta realizada foi a seguinte: Para você o que é avaliação? Para que serve?

Primeiro avaliação não dando conceito, é apropriar. O ver, a apropriação do conteúdo por parte do aluno, como ver? Não quantificando e sim vendo, sentindo as inteligências que ele dispõe. Não somente matemática, português e tal, mas como todas as outras. Serve para ver a apropriação dele, ver se ele está inserido na sociedade, se ele tem condições de sobreviver ou se destacar mais no futuro né (PROFESSOR 1).

Então, a avaliação serve para ... Como diagnóstico para ver se o aluno compreendeu aquilo que foi explicado e para possível retomada, então, de conteúdos (PROFESSOR 2).

Avaliação é um método diagnóstico que a gente utiliza para ver o conhecimento do aluno, para ver o desempenho do aluno, mas não um conhecimento específico, matemático...., ou físico, mas sim um conhecimento geral do que ele tem, para que a física funciona? Como que a física funciona no dia a dia dele? É... Avaliação é isso, o que o aluno conhece da física no seu dia a dia. E serve para classificar alunos como interessados em aprender física, é... Os que têm mais interesse em aprender outros conteúdos mais teóricos, porque querendo ou não a física envolve muitos cálculos, e eu avalio que o aluno que gosta de cálculo automaticamente ele tem uma boa avaliação em física (PROFESSOR 3).

É..., Pergunta difícil...Né? Eu acho que avaliação serve para que a gente identifique o quanto nossos alunos compreenderam do que a gente está ensinando né? Nem sempre ela é..., verdadeira. Nem sempre a gente consegue identificar né, porque..., Eu acho assim que o nosso sistema, por mais que a gente está tentando, um estudo... Tentando... Ele não é ainda o ideal, não seria o ideal né, mas eu entendo que é uma forma sim, da gente perceber o que os alunos compreenderam e também identificar o que a gente precisa mudar (né), uma avaliação da gente também né (PROFESSOR 4).

Avaliação na verdade é um processo que vai avaliar na verdade o que o aluno aprendeu de um determinado conteúdo, ela vai avaliar tanto o ensino, o processo, o próprio processo de avaliação, bem como a metodologia utilizada ou se o aluno assimilou ou não um determinado conteúdo e se ela atingiu, se aquela metodologia atingiu determinado objetivo (PROFESSOR 5).

Nas palavras de Luckesi (2008) a avaliação deve ser entendida como forma de diagnóstico da realidade, para a futura tomada de decisão. Deve-se entender como realidade aquilo que o professor realmente ensinou durante suas aulas, não

cometendo o erro de avaliar o estudante sobre algo que não lhe foi dado a oportunidade de aprender.

A partir da análise da primeira questão, pode-se identificar com unanimidade pelas respostas dos professores que estes entendem que a avaliação serve para identificar o que o aluno aprendeu, daquilo que lhe foi ensinado (diagnóstico).

Os Professores 2, 4 e 5 vão um pouco além, destacam que a avaliação serve também para uma tomada de decisão futura. Estando de acordo com o conceito de avaliação de Luckesi. Porém, o professor 3 foge um pouco do assunto demonstrando que não possui uma concepção sólida a respeito do que é avaliação, percebe-se que este confunde o conceito de avaliação com o conceito de método avaliativo, também percebe-se que este professor afirma que o aluno que sabe matemática terá domínio do conceito físico de forma automática, o que muitas vezes não condiz com a realidade.

Quando o professor 3 fala que um aluno que se sobressai na matemática automaticamente domina a física comete equívocos. A física utiliza-se da matemática, para a resolução de vários problemas, porém, nem tudo é resolvido a partir dos cálculos. Vale lembrar ainda que a física não ensina matemática apenas a utiliza. Com isso, podemos inferir que este professor resume o conteúdo da física em mera aplicação em fórmulas, sem a real discussão e sentido dessas.

É importante que o aluno ao se deparar com uma fórmula na física compreenda os conceitos relacionados a partir dela, deixando para trás a ideia de que esse conhecimento é puramente matemático. Para isso, é fundamental que o professor o faça enxergar estes fatos. É preciso mostrar-lhe por meio de diversas formas que física e matemática são coisas distintas.

A segunda questão teve o objetivo de sondar o que os professores entendem sobre uma prova tradicional, com a seguinte pergunta: Para você como é uma prova tradicional, o que pensa a respeito?

Eu sou contra, tradicional de quantificação numérica eu sou contra, eu... Como eu já falei na primeira questão, eu gosto de apropriar o aluno, verificando no trabalho conjunto as sua inteligências. Por exemplo a última avaliação eu fiz metade movimento circular, metade Vetorial. Na vetorial simplesmente fiquei abismado com o aluno, que ele é problema em sala de aula, ele teve uma inteligência espacial que me surpreendeu. Então nesse sentido que eu gosto de fazer avaliação (PROFESSOR 1).

Uma prova tradicional?... Em física prova tradicional?...Quando eu comecei dar aula era aquela prova que era matemática pura, cálculo, cálculo cálculo. hoje em dia a gente já não dá mais uma prova assim. Ela é mesclada, com bastante teoria (né), ...Também é uma prova que eu acho que o aluno tem que interpretar né, pra poder resolver, tem que ter conhecimento do conteúdo, mas principalmente interpretação (PROFESSOR 2).

Eu sou a favor da prova tradicional, porque eu penso que meus alunos, eles não precisam ter um conhecimento básico, para somente sobreviver no dia a dia da sua casa seu trabalho e etc.. Ele precisa aprender o conhecimento científico, os cálculos para que passe no vestibular, para que ele tenha uma profissão e uma qualidade de vida melhor. Eu penso que tem que haver a avaliação, a prova tradicional e o conhecimento tradicional para cada aluno (PROFESSOR 3).

Uma prova tradicional acho que é aquela de pergunta e resposta...É igual né, sempre igual, você pergunta....Eu acho que a prova tradicional sempre a mesma, a mesma forma, você não tem como avaliar o aluno né, porque tem aquele que se identifica mais com prática, tem aquele que se identifica mais....É na oralidade, e a tradicional mesmo....Também eu faço também as tradicionais, mas acho que tem que diversificar bastante também (PROFESSOR 4).

Uma prova tradicional é aquela prova que apenas mede o conteúdo ensinado. Não tem muito objetivo. A prova tradicional é aquela que vai apenas medir um determinado conteúdo, se o aluno aprendeu ou não aprendeu. Penso que uma prova, ela deve ir bem além, de simplesmente ser uma prova, e sim uma avaliação. Deve avaliar realmente o objetivo que você quer atingir, se a forma, ou até mesmo o próprio processo, ou até mesmo a metodologia. Se você conseguiu atingir determinado objetivo ou não a partir daquela avaliação, é por isso que ela tem que seguir alguns critérios, algumas análises na hora de você planejar o ato de avaliar (PROFESSOR 5).

Para Luckesi (2008), avaliar é diferente de medir, muitas vezes, motivado pela correria do dia a dia ou por sua própria concepção de avaliação, o professor utiliza-se de instrumentos avaliativos que colaboram muito pouco com o processo avaliativo em si, com características do que comumente chama-se de prova tradicional, um exemplo desse tipo de instrumento, é a prova, de caráter formal, com hora marcada para o término, com o professor observando atentamente para que nenhum aluno cole e a cada período avisando quanto tempo ainda restam para a conclusão da prova.

Na concepção de avaliação classificatória, a qualidade se refere a padrões preestabelecidos, em bases comparativas: critérios de promoção (elitista, discriminatório), gabaritos de respostas às tarefas, padrões de

comportamento ideal. Uma qualidade que se confunde com a quantidade, pelo sistema de médias, estatísticas, índices numéricos dessa qualidade. Contrariamente, qualidade, numa perspectiva mediadora de avaliação, significa desenvolvimento máximo possível, um permanente “vir a ser”, sem limites preestabelecidos, embora com objetivos claramente delineados, desencadeadores da ação educativa. Não se trata aqui, como muitos compreendem, de não delinear pontos de partida, mas, sim, de não delimitarmos ou padronizarmos pontos de chegada. (HOFFMANN,2009, p. 31-32).

A partir da fala dos professores nota-se que a maioria deles apesar de fazer uso da avaliação tradicional, entendem seu caráter classificatório, e defendem que este não deve ser o único instrumento utilizado.

Os professor 4 e 5, afirmam que a prova tradicional é aquela que apenas transfere em números o que supostamente o aluno aprendeu. O que nem sempre é a realidade, pois o aluno pode ter simplesmente memorizado a resposta, ou o cálculo e transcrito para a prova. O professor 5, argumenta que, o que se deve fazer é uma avaliação e não uma prova, deve-se seguir alguns critérios e estabelecer objetivos claros sobre onde se pretende chegar com tal avaliação, e não preocupar-se apenas em dar uma nota, e encerrar por aí, sem a devida reflexão e tomada de decisão.

Porém, o professor 3, relata ser a favor da prova tradicional, que quantifica e seleciona os melhores para o vestibular, pois em sua visão, só os que passarem no vestibular conseguirão uma profissão e conseqüentemente obterão qualidade de vida. Este professor diz ainda que o aluno não deve aprender apenas para a vida, mas sim deve estudar de forma tradicional, resolvendo várias listas de exercícios, por exemplo, para que assim consiga ser bem sucedido profissionalmente.

Este professor desconhece o fato de que cada indivíduo é único, ou seja, nem todos conseguem trilhar os mesmos caminhos, mesmo quando o ponto de chegada é comum. Cada ser tem competências distintas, cada um tem sua forma individual de mostrar o que sabe, uma avaliação padronizada torna-se mecânica, não cumpre seu papel político de auxílio na tomada de decisão, para a participação e transformação social (Luckesi, 1997).

Podemos perceber que mesmo os professores que criticam a avaliação tradicional, fazem uso da mesma. O que se percebe é que estes consideram a prova como um instrumento no qual somente o aluno que realmente estuda consegue

bons resultados. Agindo dessa forma estes esquecem do fato que cada estudante apresenta suas particularidades em relação a aprendizagem e conseqüentemente para demonstrar o que sabe. Atitudes como esta dão a impressão de que os entrevistados consideram outros métodos avaliativos como uma facilitação, como se a nota fosse dada de graça, sem qualquer esforço maior por parte do estudante.

A terceira pergunta realizada na entrevista teve o objetivo de sondar qual o entendimento por parte dos entrevistados a respeito do conceito de avaliação continuada. A partir da questão: Já ouviu falar sobre avaliação continuada, como você a definiria?

Avaliar continuado...Eu vejo da seguinte forma, dentro de uma sala de aula... Toda aula ou a próxima aula, eu começo com um pequeno, um breve resumo da aula anterior. Então trata-se de uma avaliação continuada, porque nas indagações você sempre tira alguma coisa. Conhecer os alunos para ver qual está se destacando (professor 1).

Não, não sei o que é ou seria o termo avaliação continuada (...). Acredito que seja uma avaliação feita todo dia, continua né, acredito que seja isso (PROFESSOR 2).

É... Eu acho que a avaliação continuada é realmente o que a gente vive, porque você começa estudar lá no pré, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano e você está sendo avaliado todos os dias. E essa avaliação vai até o decorrer de sua faculdade, porque se você não tem um conhecimento, não é capaz de fazer alguma coisa você não a conclui (PROFESSOR 3).

Avaliação continuada eu acho que é o que a gente deveria fazer sempre né, avaliá-los todos... Todos os dias, todas as aulas né. Acho que avaliar desde o seu desempenho durante as aulas, sua participação seu interesse, acho que avaliação continuada na minha opinião seria isso né. E seria ideal acho (PROFESSOR 4).

Avaliação continuada é aquela avaliação, na verdade, progressiva, ela... Porque você avalia progressivamente à medida que o aluno vai aprendendo, à medida que você vai medindo os conhecimentos que ele adquiriu, você vai ensinando gradativamente e vai percebendo o que você pode ir agregando a mais para que o aluno aprenda o conteúdo posterior, um... É eu vejo dessa forma (PROFESSOR 5).

Todos os entrevistados responderam que avaliação continuada, é aquela que avalia o aluno aula a aula, desde suas indagações, participações em atividades, seu interesse em buscar novos aprendizados etc.

Podemos perceber que os professores são conhecedores do conceito de avaliação continuada, pois SUHR 2006, diz que a avaliação na vida cotidiana acontece permanentemente, por meio do pensamento e ação da pessoa, nas salas de aula representadas pelo professor, que deve estar sempre pronto a identificar o que realmente deve ser avaliado em relação a aprendizagem de seus estudantes.

A questão seguinte: O que você considera relevante para uma avaliação formativa? Teve o objetivo de investigar quais pontos os professores consideram importantes que seus alunos realmente aprendam, daquilo que ensinam, para que possam transformar e conviver na sociedade.

Em que sentido formativa?...[...] Formativa? Coisa formal, nesse sentido? ...Repetindo, claro que dentro das dificuldades do número de alunos em sala de aula, fica difícil você notar aluno por aluno e ver sua competência. A gente tem que fazer uma coisa formal porque é uma exigência legal. A gente tem que documentar, infelizmente no meu ponto de vista é assim (PROFESSOR 1).

“Ah... Que possibilite que ele, que a partir do conhecimento que ele tem do conteúdo, ele consiga transformar o mundo. Eu acho que em física tem muita coisa que ele pode utilizar para melhorar a vida dele né, para facilitar, mas que ainda eles não fazem essa conexão (PROFESSOR 2).”

É a prática, eu considero que o aluno que pratica ele aprende, e que talvez aquela avaliação, a prova, para um aluno que praticou muito e não tirou uma nota tão boa. Desde que você consiga acompanhá-lo e ver que ele praticou mesmo, talvez pudesse ser banida (PROFESSOR 3).

.... Para uma avaliação formativa? ... Seria clareza no que eles vão responder para que a gente... Eu acho né... Ser claro, ser objetivo, ser completo (PROFESSOR4).

A avaliação formativa ela deve, além de informar a questão do processo de ensino aprendizagem como ele está acontecendo, Ela deve formar o aluno no sentido de... Que prepare esse aluno para a vida, que prepare esse aluno... Que vise perceber realmente se aluno tem um conhecimento adequado a aquela série, por exemplo aquele, naquele momento se está adequada aquela aprendizagem ou não, se precisa rever o conteúdo, precisa rever a metodologia ou alguma coisa a mais para que ele chegue a aquele conhecimento (PROFESSOR 5).

Os professores 2 e 5, responderam de acordo com o que nos diz Perrenoud (1999), que a avaliação formativa deve dar ênfase no que o aluno realmente sabe, deve analisar se o aluno possui capacidades cognitivas para aprender dado

conteúdo que se ensina, para que o professor tenha condições de dar prosseguimento aos processos de ensino e aprendizagem.

Na avaliação formativa acontece a seleção criteriosa de tarefas. Entende-se seleção criteriosa de tarefas como sendo a atitude do professor em selecionar conteúdos em sua avaliação que realmente tenham sido ensinados e que sejam relevantes para a vida do estudante, para tanto deve existir a interação de diversos saberes que contribuam para a formação do estudante (Perrenoud 1999).

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo. A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (LUCKESI, 2008, p.32).

Ainda analisando a fala do professor 5, quando diz que a avaliação continuada deve servir para rever a metodologia utilizada, ou rever alguma coisa a mais que precisa ser mudada para que o aluno chegue ao conhecimento, percebe-se que este professor tem conhecimento da concepção de avaliação que tem Luckesi (2008), de que avaliação deve servir para uma tomada de decisão futura.

O professor 1, demonstrou não ter conhecimento do conceito de avaliação formativa, este fato, fica evidenciado, quando este confunde o conceito ora discutido, com o conceito de formalidade ou legalidade em termos da Lei.

Já o professor 2, entende avaliação formativa como algo que o aluno aprendeu a partir de repetições, este diz que se o aluno praticar a resolução de um exercício várias vezes por exemplo, este consegue uma aprendizagem que lhe de significados.

O professor 4, também desconhece o conceito de avaliação formativa, entende que seria a clareza das respostas dadas pelo aluno em uma avaliação. Por meio da análise de sua resposta talvez este professor tenha confundido o termo Formativo com informativo.

A avaliação formativa visa o diagnóstico da aprendizagem perante as metodologias aplicadas no processo de ensino. Informa qual o nível de

compreensão seus ensinamentos promoveram nos estudantes, para então traçar novos planos para o que atos falhos sejam revistos garantindo a aprendizagem.

Como podemos perceber nenhum dos entrevistados conseguiu conceituar corretamente a avaliação formativa. Se não conhecem o conceito a fortes indícios de que estes provavelmente não a praticam.

A seguir procuramos investigar se as avaliações realizadas pelos os professores acontecem de forma contínua ou fragmentada. Com a seguinte interrogativa: Com que frequência você realiza suas avaliações?

É sequencial todo dia eu estou avaliando, eu só quantifico, só enumero ela no momento exato, do... De transpor para as planilhas né, (PROFESSOR 1).

Eu procuro sempre que termina conteúdos afins né, agrupo ele e já faço uma avaliação, para não misturar também muita coisa para tentar facilitar um pouco para eles (PROFESSOR 2).

...Eu avalio eles... Até agora estou com um pouco de dificuldade no nosso sistema regime, porque eu acabo fazendo mais do que teria. E vou juntando, porque... principalmente porque eu trabalho mais com o noturno, tenho que avaliar mais continuamente, não posso deixar assim um tempo e fazer uma avaliação. Tenho que fazer sempre avaliações curtas do que eu estou trabalhando para que eu consiga resultado, porque se eu deixar para fazer uma avaliação, duas avaliações, três avaliações no caso que é a nossa meta só, eu não consigo avaliar meus alunos do noturno, tenho que avaliar eles praticamente diariamente mesmo (PROFESSOR 4).

Olha, eu avalio o aluno diariamente, porém, as provas eu faço a partir de cada conteúdo, as vezes um determinado... Geralmente é a partir... No final de cada conteúdo trabalhado eu aplico um... Uma forma de avaliação, porém, a avaliação de forma mais abrangente acontece diariamente (PROFESSOR 5).

Com esta questão pode-se identificar que o professor 2, avalia de forma fragmentada não cumprindo com o verdadeiro papel da avaliação formativa, já discutido na questão anterior, porém, os demais professores, afirmam avaliar seus alunos diariamente, por meio de atividades em sala, seminários, participação em debates, avaliam o caderno, indagam seus alunos, etc.. Isso demonstra que estes professores talvez tenham uma noção do conceito de avaliação continuada.

Perguntamos também ao grupo de professores com o objetivo de investigar quais os caminhos que estes professores adotam para avaliar seus alunos, com a seguinte questão: Que métodos você mais utiliza em suas avaliações e por quê?

Mais, é em conjunto, avaliação em dupla, tentando localizar sempre o aluno que tem mais destaque com aquele “mais simplesinho, mais humildezinho” para que aquele monitore o conhecimento, claro que sempre monitorado por mim, minha soberania né.(PROFESSOR 1).

Eu tento mesclar, eu dou prova trabalho, listas de exercícios, avalio o caderno também, toda a aula né? (PROFESSOR 2).

Temas, tarefas, resumos, é... cálculos, provas tradicionais etc.(PROFESSOR 3).

Eu utilizo as provas... Formais né, eu acho que é ainda a que a gente mais utiliza né, ainda.. Mas eu utilizo também as práticas, relatórios, até seminários estou tentando fazer com que eles comecem a fazer, mas acho que a tradicional ainda é a que a gente mais utiliza, predomina (PROFESSOR 4).

Um dos instrumentos que eu utilizo diariamente é a observação, é...Relatório eu uso, uso oralidade, prova escrita, é...Também experimentação, é...Basicamente é isso (PROFESSOR 5).

O entendimento por parte do professor de que o trabalho em grupo tem como principal objetivo a troca de conhecimento entre os estudantes é fundamental. Onde o exercício da comunicação acontece em busca de objetivos comuns, a realização do trabalho. Por meio dessa prática o aluno se depara com opiniões diferentes sobre uma mesma realidade. Ao passo que estuda o conteúdo da disciplina o aluno desenvolve outras habilidades como a de escolher, avaliar e decidir.

Nos grupos formados com objetivos educacionais, a interação deverá estar sempre provocando uma influência recíproca entre os participantes do processo de ensino, o que me permite afirmar que os alunos não aprenderão apenas com o professor, mas também através da troca de conhecimentos, sentimentos e emoções dos outros alunos. (VEIGA, 2000, p.105).

O professor 1, diz que o “aluno destaque” deve monitorar o conhecimento do aluno “ mais humildezinho”. Com o exposto percebe-se que o objetivo do trabalho em grupo não deve ser esse. Podemos dizer que este professor comete um grande

equivoco em relação ao verdadeiro objetivo do trabalho em grupo. Qual seria o entendimento deste professor referente a essa forma de trabalho? Para ele quem supostamente sabe mais não tem nada a aprender com quem supostamente “sabe menos”. Porém, na vida vivemos numa constância, onde ora aprendemos, ora ensinamos. E porque não dizer que não raro aprendemos juntos?

Quando compara-se a resposta do professor 2 dada nesta questão, com a resposta deste mesmo professor na questão anterior percebe-se que há uma contradição. Em uma resposta diz que agrupa conteúdos afins, para então avaliar, o que caracteriza uma avaliação fragmentada, em outra diz que também avalia o caderno diariamente. Pode-se dizer então, que este professor traz alguns traços da avaliação na perspectiva da avaliação formativa mesmo não sendo consciente desse fato.

Segundo Hoffmann (1991) a prática avaliativa adotada por cada professor, carrega em si marcas de sua formação, como diria Tardif de seu conjunto de saberes, ou seja, muitos professores reproduzem, ainda que inconscientemente, as mesmas metodologias utilizadas pelos seus professores em algum momento de sua formação. “Muitos professores nem mesmo são conscientes da reprodução de um modelo, agindo sem questionamento, sem reflexão, a respeito do significado da avaliação na Escola (HOFFMANN, 1991, p. 52)”.

Os demais professores pode-se dizer que estão de acordo com os conceitos de avaliação continuada discutidos até o momento, visto que pelo menos um dos instrumentos citados na entrevista, contempla a avaliação permanente dos estudantes.

A sétima questão feita aos professores teve por objetivo entender qual a posição adotada quando percebem que seus alunos não compreenderam um determinado conteúdo, com a seguinte interrogativa: O que você faz quando o rendimento dos alunos em uma avaliação foi muito baixo?

Coloco eles em desafio... Coloco em desafio... Vou dar um exemplo, alunos problemas, com nota muito baixa dou um desafio. quero que vocês montem para mim uma balança a base de mola, dentro dessa balança a base de mola você vai ter que identificar tudo que você aprendeu de vetorial, força e assim por diante...Um exemplo (PROFESSOR 1).

Então...Mesmo que não tenha sido baixo, a gente sempre faz depois de uma avaliação a retomada dos conteúdos, e aplica uma nova avaliação para recuperar. É... Quase nunca acontece de ser muito mais baixo do que foi na prova. Tipo o pessoal sempre consegue recuperar.Tipo assim na mesma sala a gente tem alunos bons, médios e os mais fracos, mas a gente tem não tem assim, numa prova todo mundo ir mal, sempre tem três estágios (PROFESSOR 2).

Reavalio... Vou lá, vejo seu caderno, vejo seu esforço e vejo sua prática, se ele realmente sabe praticar pelo menos (ROFESSOR 3).

Revejo o conteúdo né... Sempre. Até porque a gente tem que fazer né...Tento ver os pontos aonde está mais falho para tentar fazer de outra forma...Outro...Para fazer com que eles aprendam (PROFESSOR 4).

Geralmente eu retomo o conteúdo. Trabalho novamente.Reviso retomando os conceitos os quais eram importantes que ele dominasse, e não foi apreendido, por meio...Além da oralidade retomo por meio de atividades escritas...É faço uma revisão no coletivo, e depois aplico uma nova forma de avaliação (PROFESSOR 5).

Luckesi (2008), fala do mínimo necessário de conhecimento, que o estudante deve adquirir, para que possa avançar para as próximas etapas de sua formação, nesse contexto cabe ao professor avaliar ou elencar juntamente com seus estudantes as condições mínimas em relação ao aprendizado que necessitam alcançar para possam progredir. A recuperação neste contexto é entendida como uma nova oportunidade para o aprendizado.

Com base nas respostas dadas a esta questão percebe-se que a maioria dos professores entendem que a recuperação, antes de tudo deve ser a retomada de conteúdos, porém, não deixam claro a forma que fazem esta retomada de conteúdos. Já o professor 1 e 3, afirmam utilizar outras formas para que possam avaliar, porém, não mencionam a retomada dos conteúdos. Agindo assim consideram apenas que o instrumento avaliativo foi falho e não o processo de ensino.

A oitava questão investigou como estes professores compreendem o processo de recuperação, ou seja, será que a realizam a partir de novos métodos de ensino, e com o objetivo de promover a aprendizagem? Para isso utilizou-se a seguinte questão: Como é o processo de recuperação que você adota? Como você a entende?

Então... Eu procuro sempre depois da avaliação fazer uma retomada de todo o conteúdo e aplico novamente uma outra prova para recuperar a nota, depois da recuperação dos conteúdos (PROFESSOR 2).

Recuperação é refazer para mim, se o aluno e refez certo ele recuperou, se o aluno refez mas não conseguiu refazer certo ele conseguiu recuperar a metade e eu preciso ajudá-lo (PROFESSOR 3).

Eu entendo que tem que retomar todo o conteúdo e depois aplicar um outro instrumento para avaliar (PROFESSOR 4).

A recuperação eu acredito que deve levar o aluno a realmente a é...Entender o conteúdo. Deve levar o aluno a aquisição do conteúdo, e para que ele realmente tenha esse conhecimento. O primeiro passo é que ele queira realmente aprender esse conteúdo, determinado conteúdo... A maneira que eu acho mais viável fazer é muitas vezes retomar o conteúdo como eu já falei...Muitas vezes eu aplico a mesma avaliação inclusive, porque se aquela avaliação foi planejada, foi preparada e se aqueles conteúdos são requisitos para um ensino posterior, se são aqueles que ele deve adquirir... Muitas vezes eu trabalho novamente o conteúdo, retomo por meio de várias formas: Oralidade, escrita ou de forma coletiva, de forma individualizada, em grupo e aplico a mesma avaliação para ver se realmente o aluno atingiu os objetivos que eu gostaria que ele tivesse atingido, se ocorreu aprendizagem (PROFESSOR 5).

Pode-se evidenciar a partir da fala dos entrevistados que a metodologia que adotam é sempre a retomada dos conteúdos. Para então aplicar a recuperação.

Com isso percebe-se que os professores compreendem a recuperação na perspectiva construtivista, como diz CARVALHO:

A correção dos erros na perspectiva construtivista tem como objetivos: interpretar as soluções propostas pelos alunos, procurar identificar em que nível de desenvolvimento ele está, propor novas questões, informá-lo para que avance em sua forma de pensar, buscando um nível de conhecimento mais elaborado, definir novas estratégias para a ação pedagógica, promover a cooperação e o respeito pelas individualidades. É necessário o acompanhamento, a reconstrução do conhecimento. A correção precisa ser interativa, estando o professor e o aluno comprometidos com a aprendizagem.(2001, p. 69).

A nona questão teve por objetivo investigar se os professores entrevistados, consideram que a disciplina de física apresenta particularidades, no que tange a avaliação, em relação às demais disciplinas no ensino médio. A pergunta foi a

seguinte: Você acha que a forma de avaliar em física é diferente de outras disciplinas? por quê?

Eu acredito que sim, porque na introdução da disciplina a gente fala da natureza, e todo mundo está em contato com ela, independente se é com leitura, com matemática ou história. Ele sempre está em contato. Ele está pisando no chão está vendo a natureza no geral. Então a partir desse conceito acredito eu que a avaliação tem que ser diferenciada, porque eles estão sentindo no dia a dia, estão de uma certa forma participando do desenvolvimento, dentre outras coisas. Então acho que quanto mais informação você tirar deles, você está notando que ele está se inserindo no contexto físico (PROFESSOR 1).

Não, acho que todas avaliam da mesma maneira, pode ter alguns instrumentos diferentes, posso fazer um experimento, uma prática de laboratório, mas o resto seria igual (PROFESSOR 2).

Concordo, eu acho que é diferente, porque a física precisa muito da matemática, se o aluno não vai tão bem em cálculos ele não consegue aprender a física. A física não é só a teoria, a física envolve principalmente os cálculos (PROFESSOR 3).

Acho que de algumas é... Acho que cada disciplina tem sua... Sua... Tem suas diferenças? Acho que avaliar em física não é o mesmo que avaliar em português, arte, cada uma tem a sua... Apesar da nossa avaliação ser no geral padronizada... Acho que cada disciplina tem que ter um olhar diferenciado, (PROFESSOR 4).

Basicamente não é tão diferente, porém, a gente consegue fazer uso de outros critérios, bem como... Não critérios, mas sim recursos, a gente tem mais recursos para usar. É diferente quando você avalia por exemplo, na matemática você já fica um pouquinho mais limitado na verdade para avaliar. É... Não que você não possa avaliar um conteúdo da matemática por meio da observação ou mesmo da oralidade, mas eu penso que na física você tem condições de avaliar... Tem mais recursos para poder avaliar o aluno. você usar um relatório, você pode usar um experimento, você pode realizar apresentações de trabalhos. Por meio da pesquisa, por meio da leitura, por meio de apresentações, por meio de um teatro... Tem diferentes... Ou mesmo pela prova escrita. Então a física na verdade... Desde um vídeo um áudio, ou às vezes de um... Texto científico você pode fazer com que o aluno... Éh entenda o conteúdo... Assim mais recursos do que basicamente a matemática em si, não que você não possa usar esses mesmos recursos também para a matemática, mas não é tão instigante quanto na física. Na física você consegue trabalhar melhor a questão dos recursos para avaliar (PROFESSOR 5).

Nesta questão com exceção do professor 2, todos concordam que avaliar em Física é diferente de avaliar em outras disciplina, pois em linhas gerais apontam

que o estudante está em contato com a natureza, portanto, isso deve ser levado em consideração nas avaliações, ou seja, avaliar em Física também é observar do aluno como ele relaciona o conteúdo ensinado com fenômenos observados na natureza.

Apontam também que a disciplina proporciona vários instrumentos que, tais como experimentos, pesquisas, relatórios etc. que proporcionam uma forma de avaliação diferenciada das demais disciplinas, que segundo o professor 5, torna a disciplina mais instigante.

A avaliação, em seu sentido amplo, apresenta-se como atividade associada à experiência cotidiana do ser humano. Frequentemente nos deparamos analisando e julgando e nossa atuação e a dos nossos semelhantes [...]. Essa avaliação, que fazemos de forma assistemática, por vezes inclui uma apreciação sobre adequação, eficácia e eficiência de ações e experiências, envolvendo sentimentos e podendo ser verbalizada ou não. (SAUL, 2008, p. 25).

Analisando as respostas dos professores pode-se dizer que as concepções destes, a respeito das particularidades da disciplina de Física, em relação a avaliação, estão de acordo com o que nos diz Souza, 2008:

A Física é uma ciência experimental e uma ciência da natureza; logo [...], obrigatoriamente, deve ser contextualizada visto que tudo o que ocorre no dia a dia está relacionado com ela. Assim penso que uma avaliação em Física não deve se restringir a apenas uma cobrança de repetições do que é ensinado, necessariamente deve apresentar situações em que o aluno perceba a sua utilidade (p. 142).

A física é chamada de ciência natural, justamente pelo fato de se preocupar com o estudo dos fenômenos que ocorrem na natureza, tendo como principal objetivo descrever e explicá-los. Sendo assim percebemos que a mesma não deve ser confundida com a mera aplicação de fórmulas nas resoluções de extensas listas de exercícios, tornando uma disciplina demasiadamente matematizada. A avaliação está vinculada ao modo como o professor compreende o sentido da própria disciplina que leciona.

A última questão da entrevista foi de cunho mais aberto, deixando os professores a vontade para falar sobre outras questões referente a avaliação, com a

seguinte pergunta: Alguma outra questão que você gostaria de falar sobre avaliação, que não tenha sido perguntado na entrevista?

Que fosse mudado o modelo dela, que proporcionasse para nós professores de física o maior número de aulas possíveis, para ter mais aula de contato, mais aulas de laboratório, não informática, laboratório de ciências mesmo, para o aluno que tem dificuldades, que não observa do jeito que tu falas, não imagina as coisas em função da alienação ao computador hoje... Que eles tenham contato de fato com o que a gente está falando. É o que falta para nós hoje, tempo (PROFESSOR 1).

Na verdade avaliar é algo muito complexo, que você todo dia se pergunta se você sabe fazer, parece que você está sempre fazendo...Nunca está fazendo correto. É algo que a gente tem muito a buscar, muito aprender, e a avaliação eu vejo que ela muito...Ela tem que ser muito criteriosa e também levar em consideração cada indivíduo, Porque cada aluno é diferente, e às vezes como a gente trabalha com turmas com grande quantidade de aluno, às vezes a gente acaba padronizando um pouco a forma de avaliação e acaba cometendo alguns enganos ou mesmo alguns erros nos resultados, no sentido de que a gente não trabalha essas avaliações individualizadas, respeitando os limites ... Por mais que a gente se esforce em aplicar uma avaliação mais... Ela acaba seguindo um determinado padrão. Nesse sentido ela se torna um pouco falha, mas em função da forma em que o ensino se apresenta, que a gente não consegue fazer um trabalho individualizado (PROFESSOR 5).

Nesta última questão apenas os professores (1 e 5) opinaram. Para o primeiro o que falta para uma melhor avaliação no ensino de Física, é o aumento do número de aulas semanais, para que os conteúdos possam ser detalhados de forma a facilitar a compreensão dos estudantes, bem como a utilização de laboratórios de física possam ser mais utilizados, para a realização de experimentos, demonstrações e conseqüentemente um melhor avaliação.

Para o segundo, é o sistema de ensino atual, que impede o professor de desempenhar uma melhor avaliação, visto que não há tempo hábil para avaliar cada indivíduo levando em consideração as suas particularidades, o que acontece então é uma padronização de acordo com a concepção de avaliação que tem o professor. Considera também que o tema avaliação sempre gera discussões acaloradas, e por mais que o professor se esforce para avaliar seus estudantes, parece que sempre está fazendo de forma equivocada, que, portanto, cabe ao professor estar sempre

buscando novas informações em relação a avaliação e procurar sempre que possível realizá-la sob diferentes instrumentos avaliativos.

O grande desafio para a avaliação formativa é justamente o modelo avaliativo utilizado nas escolas. Em sua grande maioria são modelos de avaliações classificatórias. Este cenário pode agravar-se ainda mais se os professores, desconhecendo os anseios da avaliação formativa, utilizam-se de instrumentos avaliativos que mais punem do que formam.

A organização escolar deriva de um sistema político que insiste em classificar como mau aluno aquele que não tem habilidades com os cálculos, deixando assim subentendido que apenas os bons, que sabem matemática, é que conseguirão um lugar privilegiado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma postura crítica, este trabalho pode ajudar, além de outros pontos, a pensar a própria postura, enquanto professor, a respeito das práticas avaliativas no dia a dia da sala de aula. Como pode ser observado, não é de hoje que as práticas avaliativas tradicionais, com preocupação exacerbada na medição do conhecimento (a prova), estão presente no sistema de ensino, principalmente brasileiro, e na realidade dos municípios envolvidos nesta pesquisa não é diferente.

É preciso que a avaliação seja vista como um importante instrumento norteador dos processos de ensino e aprendizagem, portanto, deve-se entender que é de responsabilidade de toda comunidade escolar, todos (alunos, pais, professores e instituição como um todo) devem ter objetivos comuns em relação ao ensino e a aprendizagem.

No processo de avaliação, sem dúvida, a responsabilidade recai com maior peso sobre o professor, uma vez que este é o principal responsável pelo desenvolvimento intelectual de seus estudantes. Porém, se ele não tiver uma concepção sólida sobre o que é a avaliação da aprendizagem, na perspectiva da transformação social, avaliará de forma puramente mecânica, com o objetivo principal de cumprir com a burocracia do sistemas de ensino, sendo assim, os processos de ensino e aprendizagem serão seriamente comprometidos. Daí decorre a importância de temas como este serem levados para as escolas, com o intuito de despertar o corpo docente sobre esta importante ferramenta, que é a avaliação.

Chama-se a atenção para o fato de que as responsabilidades não devem recair somente sobre o professor. Tendo em vista que o que predomina, no sistema de ensino atual, é a “forma puramente mecânica” de avaliar. O que o sistema valoriza é a nota, os números, a estatística. Sabe-se que isso é importante também, para orientar melhorias na educação como um todo. Porém, se reduz na tentativa da melhoria no número por si só. Por outro lado, o professor que adota uma postura crítica em relação a avaliação deve estar preparado aos possíveis conflitos, que tal postura, geraria num sistema onde o que importa é a nota.

O que se deve-se evitar são os extremos, ou seja, de um lado o voluntarismo, que basta pensar que apenas a boa vontade do professor resolve os problemas da avaliação; do outro o determinismo, cruzar os braços e aguardar as condições ideais para que se possa agir em favor da mudança. Talvez ela seja possível a partir do entendimento dos limites e condições de cada realidade.

Como pode ser observado no texto, a avaliação deve se valer de diferentes instrumentos. Não há no texto, nada que diga que a prova não deva ser utilizada, o que se chama atenção, é que não deve ser o único instrumento, com a finalidade de gerar números para aprovar ou reprovar o aluno. O professor deve sempre fazer a auto avaliação, ao passo que avalia seus alunos, para então decidir os próximos passos a serem tomados, a partir de cada instrumento utilizado para avaliar.

O texto chama a atenção também, para o fato de que avaliação não deve ser utilizada como forma de punição, o chamado “terrorismo homeopático”, ou seja, a avaliação não deve ser utilizada como chantagem para motivar o estudante a aprender, deve ao contrário mostrar a este quais são os rumos que o mesmo deve tomar em relação a seu aprendizado, dessa forma o estudante não é eximido de suas responsabilidades.

A partir da pesquisa realizada pode-se constatar, que apesar de todos os entrevistados utilizarem outros instrumentos avaliativos, a prova ainda continua sendo a mais utilizada e atribuída como instrumento de maior valor social. Para estes a prova ainda é um meio de fazer com que os alunos estudem.

Uma justificativa para a utilização da prova, com grande recorrência está no fato das escolas em questão apresentarem turmas com grande número de alunos, o que dificulta para o professor ter um relacionamento mais próximo de cada estudante. Recorrendo ao uso da prova por considerar um instrumento mais fácil de ser executado em relação aos demais, dadas as reais condições.

Pode-se afirmar a partir da pesquisa que a avaliação é entendida como forma de diagnóstico da realidade, todos os entrevistados afirmam que é a partir dela que identificam os pontos falhos nos processos de ensino e aprendizagem.

Pode-se identificar também que apenas um dos entrevistados declara ser a favor da forma tradicional de ensino, para este, a repetição e memorização fazem parte do aprender física, e conseqüentemente do sucesso profissional. Porém, este

mesmo professor juntamente com os demais entendem que a avaliação é um processo que se desenvolve no conjunto da escola, e serve tanto para avaliar o ensino (professor) quanto a aprendizagem (estudante).

Lembrando que o objetivo desta pesquisa foi saber qual a concepção de avaliação têm os professores de física envolvidos e quais métodos utilizam, pode-se dizer que o objetivo foi alcançado, uma vez que a pesquisa obteve êxito nessas informações. Sendo assim destaca-se que esses professores entendem a avaliação como uma ferramenta que norteia os processos de ensino e aprendizagem e apesar de fazerem o uso de diferentes métodos avaliativos, encontram-se fortemente dependentes da prova, dando assim a ela um maior destaque em relação ao demais instrumentos avaliativos.

Percebemos que por mais que os professores digam que avaliam seus alunos por meio de vários instrumentos estes fazem o uso frequente da prova, atribuindo a ela um valor maior em relação aos demais instrumentos, que posteriormente serão somados e extraída a média aritmética. O que acontece nessas escolas está mais para uma aferição de notas do que para avaliação na perspectiva de formação para a transformação social.

Podemos perceber que os professores entrevistados não possuem um bom entendimento em relação aos conceitos de avaliação formativa. E o pouco que conhecem entra em confronto com a realidade das escolas: Turmas cheias, carga horária semanal da disciplina insuficiente para que as particularidades sejam mais aprofundados, grande número de turmas por professor, falta de subsídios para formação continuada etc.

A avaliação realiza-se sob a concepção que cada professor traz, ou ainda, sob o que julga importante que o aluno saiba de tudo aquilo que lhe foi ensinado. Sendo assim definitivamente nenhum professor, entre os entrevistados, realiza avaliação levando em consideração um mínimo de conteúdos necessários para a progressão, e sim sob a média aritmética de nota.

REFERÊNCIAS

LUCKESI. **Avaliação da aprendizagem:** Estudo e proposições. 19 ed. São Paulo. Cortez, 2008.

LUCKESI. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e preposições. 5ª Ed. São Paulo, Cortez, 1997.

SUHR. Rente Inge. **Processo Avaliativo no Ensino Superior:** Metodologia do ensino na Educação Superior. 2ª ed - Curitiba , IBTEX, 2006.

HOFFMANN. **Avaliação Mediadora:** Uma Relação Dialógica na construção do Conhecimento. 8ª ed - Porto Alegre, Mediação, 1991.

HOFMANN.. **Avaliação Mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre. Mediação, 2009.

TARDIF. **Saberes Docente e Formação Profissional.** 12º ed, Petrópolis, Vozes, 2001.

HADJI. **Avaliação desmistificada.** Tradução de Patrícia ramos. Porto Alegre. Artes Médicas, 2001.

VASCONCELLOS. **Avaliação da Aprendizagem:** práticas de mudança por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 1998.

PERRENOUD. **Avaliação:** Da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas .Porto Alegre: Artmed, 1999.

CARVALHO. **Para compreender o erro no processo ensino-aprendizagem:** Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v.7, n.42, 2001.

SOUZA. **Avaliação do Ensino de Física:** Um compromisso com a aprendizagem. Passo Fundo. UPF, 2002.

MORAES. **Prova:** instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. 22º ed. São Paulo. Entidad, 2011.

SAUL. **Avaliação emancipatória:** desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. 8ª ed. São Paulo. Cortez, 2008.

VEIGA. **O seminário como técnica de ensino socializado.** Técnicas de ensino: Por que não? Campinas. Papirus, 2000.